

# Na cidade-ilha, o fim da fantasia

**OSMAR FREITAS JR.**  
Enviado especial

Há tempo se diz que Brasília é a "Ilha da Fantasia". O apelido foi dado numa época em que o então presidente do Banco do Brasil, Nestor Jost, mandou escavar no gramado de sua casa, na península Sul do lago Paranoá, uma piscina em forma de "J". Represou, assim, alguns litros de água clorificada na primeira letra de seu sobrenome. Foi uma tentativa de passar à posteridade no "coração do Brasil", mas que se revelou inócua, já que pouca gente se lembra do senhor Jost naquele lugar. Os tempos são outros.

Quem entrar no Congresso Nacional dificilmente achará um relógio pendurado pelas inúmeras paredes de seu interior. Essa ausência pode ser muito estranha, principalmente agora, quando os constituintes são obrigados pelo dr. Ulysses Guimarães a lutar contra o tempo. O presidente da Constituinte quer trabalho, nem que seja "na marra". É compreensível, então, que aqueles que trafegam pelo Congresso não tenham noção das horas. "Aqui parece um daqueles cassinos de Las Vegas, onde o tipo de iluminação e as janelas escuras não permitem que a gente saiba se é dia ou noite", disse o deputado João Cunha (PMDB-SP), ao notar que já estava há mais de 11 horas na Câmara.

Normalmente o horário de trabalho dos parlamentares vai das 9 até as 21 horas, com um pequeno intervalo para o almoço e os conchavos. Depois, alguns ainda encontram forças para se arrastar até o

restaurante do partido. Cada bancada tem suas preferências. O PMDB vai afogar suas mágoas no poire das prateleiras do Plantella. Ali, é quase impossível ver algum militante do PT nas cadeiras de junco e tecido, que servem de suporte às lideranças do PMDB. Lula e seus companheiros preferem o restaurante Cheiro Verde.

Mas é o pioneiro Florentino que arrebanha a maioria das preferências. É um local eclético, onde se pode encontrar, numa mesma mesa, o líder do Centrão, Roberto Cardoso Alves, dividindo uma garrafa de Johnnie Walker (Red Labre) com seu colega do PT, José Genoíno. Estes dois, aliás, são sempre vistos aos abraços nos corredores do Congresso. Quando Cardoso Alves caiu, literalmente, de um cavalo, e foi obrigado a utilizar-se de uma cadeira de rodas, Genoíno foi quem conduziu a cadeira pelo plenário. Aqueles que estavam por perto puderam presenciar um diálogo curioso. O deputado petista disse: "Como é, Robertão, os animais tentam derrubá-lo?". "Pois é, Genoíno, os irracionais querem me ver no chão", respondeu o centrista.

Outra dupla inusitada que se abriga sob o teto do Florentino é formada pelo deputado Roberto Freire, (PCB-PE) e o direitista Luís Eduardo Magalhães, (PFL-BA), filho do ministro das comunicações. No plenário do Congresso eles se engalfinham por causa de emendas divergentes, mas no restaurante rasgam quilômetros de seda. "O Freire é o mais esclarecido dos esquerdistas e sabe que, mesmo sendo

de direita, eu não babo", diz Luís Eduardo ao ser servido de uísque por Roberto. Foi o comunista quem, nessa mesma noite, ajudou a tirar o carro de Luís Eduardo de uma difícil situação. Inexplicavelmente, o motorista — que só havia bebido duas doses — saiu com seu veículo de porta aberta e foi chocar-se contra um táxi parado no outro lado da rua, encaixando-se firmemente em sua lateral.

"O que une a todos, nesta cidade, é a profunda solidão", diz o deputado Márcio Braga (PMDB-RJ). "As pessoas saem de seus estados de origem e ficam em Brasília de segunda quinta-feira. Não criam raízes e só trabalham. Quem não está preparado, acaba pirando."

Nas largas avenidas, de fato, não há ninguém que possa dar uma informação ao motorista. A noite estão todos dormindo, pois o dia começa praticamente ao nascer do sol. Os trabalhadores comuns — como pedreiros e faxineiras — são obrigados a acordar às quatro da madrugada para sair das longínquas cidades-satélites onde vivem e chegar a tempo no emprego. Aqueles que têm a comodidade de um carro oficial pulam da cama um pouco mais tarde, geralmente às 7 horas, para responder à chamada feita pelo dr. Ulysses. Os que, seguindo o exemplo de Nestor Jost, perpetuam seu monograma numa piscina, não terão tempo de aproveitar sua obra antes do sábado ou, domingo. Mesmo então, será inútil a obra: nos fins de semana, ninguém dá expediente na "cidade-repartição".